

ARTIGO

A MISSÃO POLICÊNTRICA NA ERA GLOBAL:

redes, cooperação e interdependência no século XXI

POLYCENTRIC MISSION IN THE GLOBAL ERA: network, cooperation, and interdependence in the 21st century

Hildomar de Jesus Pinheiro Oliveira²

RESUMO

O presente trabalho aborda a missão cristã no século XXI a partir do paradigma da missão policêntrica, destacando a transição de um modelo centrado e unilateral para uma dinâmica global, relacional e colaborativa. Fundamentado em bases bíblicas e teológicas, o estudo evidencia que a missão não pertence a um único centro geográfico ou cultural, mas se desenvolve a partir de múltiplos polos, envolvendo igrejas de diferentes contextos como participantes ativos da *missio Dei*. O texto discute os impactos das transformações sociais, culturais e tecnológicas na prática missionária contemporânea, ressaltando a importância da contextualização, da valorização das culturas locais e da superação de modelos hierárquicos. Além disso, propõe aplicações práticas, como o fortalecimento de redes missionárias, a formação teológica contextualizada, o uso estratégico da tecnologia e a promoção de parcerias horizontais. Conclui-se que a missão policêntrica amplia a compreensão e a prática da missão de Deus, promovendo uma atuação mais inclusiva, dinâmica e coerente com os desafios do mundo atual.

PALAVRAS-CHAVE: Missão policêntrica; *Missio Dei*; Contextualização; Igreja global; Redes missionárias; Parcerias horizontais.

ABSTRACT

*This paper discusses Christian mission in the 21st century from the perspective of the polycentric mission paradigm, highlighting the transition from a centralized and unilateral model to a global, relational, and collaborative dynamic. Grounded in biblical and theological foundations, the study demonstrates that mission does not belong to a single geographical or cultural center, but emerges from multiple poles, involving churches from diverse contexts as active participants in the *missio Dei*. The text examines the impacts of social, cultural, and technological transformations on contemporary missionary practice, emphasizing the importance of contextualization, the appreciation of local cultures, and the overcoming of hierarchical models. Furthermore, it proposes practical applications such as strengthening missionary networks, investing in contextualized theological education, using technology strategically, and promoting horizontal partnerships. It concludes that the polycentric mission broadens both the understanding and practice of God's mission, fostering a more inclusive, dynamic, and contextually relevant engagement with today's world.*

KEYWORDS: Polycentric mission; *Missio Dei*; Contextualization; Global church; Mission networks; Horizontal partnerships.

² Graduado em Teologia, Letras: Português/Literatura, Pedagogia e Filosofia; especialização em História Contemporânea, Ciências da Religião, Docência do Ensino Superior e Design Instrucional; MBA em Gestão do Conhecimento nas Organizações, Mestre em Ciências da Religião e doutorando em Teologia. Serve na Universidade Corporativa da Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira como Designer Instrucional, Conteudista, e Gestor Estratégico para Capacitação de Obreiro. ORCID: 0009-0001-2760-5056

INTRODUÇÃO

O modelo clássico de envio estabelecia um centro emissor para um campo missionário específico. Nesse formato, o missionário realizava suas atividades como protagonista, evangelizava, visitava, plantava igrejas e pastoreava ao mesmo tempo, as atividades estavam centralizadas nele, os convertidos, por outro lado, eram seus assistentes [às vezes vassallos]. Essa mentalidade “nem sempre levava em consideração a cultura do povo receptor, o sistema de liderança local ou mesmo as riquezas artísticas da população a ser alcançada”³ (Ramos; Fuchs, 2024, p. 43). Esse modelo de envio, fosse consciente ou inconsciente, indicava forte influência colonial e ocidental.

Segundo Nascimento,

O modelo de missão que predomina, principalmente no mundo evangélico, continua reproduzindo a mesma lógica colonialista eurocêntrica de dominação, que em sua abordagem verticalista reforça a negação da identidade do outro e o reduz a objeto⁴. (2015, p. 12).

Bendor-Samuel é ainda mais contundente,

Nos últimos cinquenta anos, continuamos a usar a mesma linguagem com o objetivo de mobilizar pessoas para a missão, embora o contexto e as necessidades da missão transcultural tenham mudado drasticamente⁵. (2014, p. 17).

NOVA REALIDADE

Os ventos mudaram! O cristianismo do Hemisfério Norte deslocou-se para o Hemisfério Sul. Isso significa que o cristianismo no Sul Global: Ásia, África e América Latina cresceu acima da média do Norte Global⁶ (Carriker, 2014, p. 9). Pela primeira vez o cristianismo não é majoritariamente de predominância branca. Consequentemente, multiplicou-se nesse bloco, novos centros para capacitação e envio de missionários transculturais. Consideramos a AMTB que atua como um fórum interdenominacional reunindo agências missionárias e igrejas parceiras promovendo a cooperação missionária no Brasil e no exterior e a JMM, organização missionária dos batistas com 118 anos promovendo missões no mundo.

DEFINIÇÃO

Missão policêntrica é o modelo em que múltiplos centros de envio, reflexão e ação missionária coexistem e cooperam, sem hierarquia fixa. No modelo clássico a missão era “a minha missão”, predominava a agência missionária da denominação, a ideia subjacente não era “cumprir a missão”,

³ RAMOS, Robson; FUCHS, Hans Udo. A nova face da missão: Desafios plurais de um mundo em convulsão. Londrina: Descoberta, 2024.

⁴ NASCIMENTO, Analzira. Evangelização ou colonização? O risco de fazer missão sem se importar com o outro. Viçosa: Ultimato, 2015.

⁵ BENDOR-SAMUEL, Paul. A missão invertida: a igreja local e as idas e vindas dos missionários. Viçosa: Ultimato, 2014.

⁶ CARRIKER, Timóteo. Prefácio. In: BENDOR-SAMUEL, Paul. A missão invertida: a igreja local e as idas e vindas dos missionários. Viçosa: Ultimato, 2014, p. 9.

mas multiplicar convertidos [prosélitos]. Hoje o novo paradigma é “todos enviando para todos”⁷ (Oliveira, 2021). Então, o conceito implica oferecer “pontos de vista alternativos ao paroquialismo (o pressuposto de que a crença ou a maneira de operar é superior aos outros) e ao etnocentrismo (assumir a superioridade étnica ou cultural)”⁸ (Franklin, 2017, p. 88); e a “não a exercer domínio por novas estruturas de vida eclesial” (Stetzer; Putman, 2018, p. 86).

A multiplicidade de centros (África, América Latina, Ásia), não ignorou as diferenças denominacionais, mas aproximou esses centros gerando relações horizontais, essa mentalidade provocou a interdependência em vez de dependência e partilhas de informações estratégicas gerando fluxos missionários multidirecionais. Segundo Goheen “as igrejas no sul e no leste já começaram a assumir a responsabilidade pela maior parte das missões interculturais”⁹ (2019, p. 15). O trabalho da JMM no Leste Asiático, do qual eu fiz parte, como Diretor de Educação Teológica foi fruto de parceria com uma organização chinesa para capacitação de missionários chineses para plantação de igrejas nas cidades, entre povos étnicos e diáspora chinesa. Nós não estávamos ali para impor nossa teologia tupiniquim, nem estrangular seus esforços “para fazer teologia dentro da sua própria cultura”¹⁰ (Nicholls, 2013, p. 32). Atualmente, esses missionários estão sendo preparados para plantação de igreja entre seus irmãos da diáspora.

BASE TEOLÓGICA

Qual o fundamento teológico para o trabalho compartilhado? O que vocês pensam? Acreditava-se que a missão era da igreja. Mas não é! Então, de quem? Contudo, antes de respondermos esta questão vamos considerar uma segunda da mesma importância que a primeira. Christopher Wright percebe a missão como uma chave que abre a narrativa do cânon bíblico¹¹ (Wright, 2014, p. 15). Para ele “A missão é o tema fundamental da Bíblia”¹² (Wright, 2014, p. 27) e, finaliza que, a “missão é a essência da Bíblia”¹³ (Wright, 2014, p. 20). A mesma ideia é compartilhada por Bendor-Samuel “a Bíblia toda é sobre a missão de Deus” (2014, p. 62).

O mandamento explícito, no sentido de levar a mensagem da salvação até “os confins do mundo”, encontra-se, naturalmente, só no Novo Testamento. Mas as raízes da missão de Igreja penetram mais profundamente, mesmo para além da história de Jesus e da Igreja primitiva. A raiz principal da missão universal da Igreja pode ser traçada dentro do Antigo Testamento. O Deus soberano e misericordioso, que convoca desigual grupo de escravos e de gente inclassificada e o constitui “povo escolhido e “sacerdócio régio, é,

⁷ Oliveira, Hildomar J. P. O desafio para a prática missiológica contemporânea: todos enviando para todos. Em: Revista de Reflexão Missiológica. v. 1 n. 1. (julho - dezembro de 2021). Disponível em: <<https://periodico-reflexaomissologica.com.br/index.php/revista/article/view/12>>. Consultado em: 20 de abr. de 26.

⁸ FRANKLIN, Kirk J. Liderança missionária e global: uma jornada rumo ao novo paradigma na missão de Deus. Londrina: Descoberta, 2017.

⁹ GOHEEN, Michael W. a missão da igreja hoje: A Bíblia, a história e as questões contemporâneas. Viçosa: Ultimato, 2019.

¹⁰ NICHOLLS, Bruce J. Contextualização: uma teologia do evangelho e cultura. São Paulo: Vida Nova, 2013.

¹¹ WRIGHT, Christopher J. H. A missão de Deus: Desvendando a grande narrativa da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 2014.

¹² *Ibidem*, p. 27.

¹³ *Ibidem*, p. 20.

definitivamente, o mesmo Deus que haverá de empurrar seu povo para costas distantes, além as fronteiras da terra prometida. Um dos fundamentos básicos deste estudo, portanto, é que os fundamentos bíblicos para a missão abrangem a totalidade da palavra de Deus¹⁴. (Senior; Stuhlmüller, 2021, p. 15).

A missão é de Deus, e sendo dele torna-se “a realidade fundamental de que flui toda e qualquer missão em que nos envolvemos”¹⁵ (Wright, 2014, p. 62). Ela é fruto da natureza trinitária de Deus. Assim, a missão é a *missio Dei*. Começa com Deus, é bancada por Deus e culmina no clímax em Apocalipse 7. 9 com a glória de Deus. Israel recebeu o privilégio por participar, bem como a igreja também! Se a missão não é da igreja, então só cabe a ela participar da missão de Deus¹⁶ (Goheen, 2019, p. 10) e, em participar, justifica a sua existência! A igreja que não participa da missão de Deus perdeu o direito de ser chamada de igreja! “Não se pode ler o Novo Testamento e tentar entender a igreja à parte do propósito de Deus para a humanidade e a história, de onde deriva seu significado”¹⁷ (Padilla, 2005, p. 210). Com esse paradigma em mente, a missão gera unidade na diversidade no Corpo de Cristo. A unidade para o cumprimento da missão deve ser maior do que a diversidade, ou seja, “vivemos com uma hermenêutica multicultural”¹⁸ (WRIGHT, 2014, p. 36). Sendo a igreja o Corpo de Cristo, então, ela é uma Comunidade Global regida e guiada pelo Espírito de Deus. De acordo com Leslie Newbigin a igreja não é a agente da missão, mas o “*locus* da missão” e, arremata, “o início da missão não é uma ação nossa, mas a presença de uma nova realidade, a presença do Espírito

de Deus em poder”¹⁹ (Newbigin, 2016, p. 158).

IMPACTO DA GLOBALIZAÇÃO

O cenário mundial mudou, mas o que fizemos? Mudamos as estruturas, contudo, conservamos a epistemologia. Porque continuamos com a mesma percepção, com as mesmas estratégias e mentalidade de ontem. Estamos respondendo as perguntas de hoje com as respostas de ontem! Ed Stetzer afirma que a “evangelização culturalmente adequada responde às perguntas que estão de fato sendo feitas por determinada cultura, em vez daquelas perguntas que a igreja crê que a cultura deveria fazer”²⁰ (2015, p. 45). Quais são as perguntas que o fenômeno da globalização está fazendo? Como a igreja responde missiologicamente ao fenômeno da mobilidade humana? (migração, diásporas). O governo alemão negocia com o governo sírio para que recebesse os quase 900 mil sírios que vivem na Alemanha, contudo, não houve concordância. O governo Sírio alegou

¹⁴ SENIOR, Donald; STUHLMUELLER, Carroll. Os fundamentos bíblicos da missão. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2021

¹⁵ WRIGHT, Christopher J. H. A missão de Deus: Desvendando a grande narrativa da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 2014.

¹⁶ GOHEEN, Michael W. a missão da igreja hoje: A Bíblia, a história e as questões contemporâneas. Viçosa: Ultimato, 2019.

¹⁷ PADILLA, C. René. O evangelho integral: Ensaio sobre o Reino e a Igreja. Londrina: Descoberta, 2005.

¹⁸ WRIGHT, op. cit., p. 36.

¹⁹ NEWBIGIN, Lesslie. O evangelho em uma sociedade pluralista. Viçosa: Ultimato, 2016.

²⁰ STETZER, Ed. Plantando igrejas missionais: como plantar igrejas bíblicas, saudáveis e relevantes à cultura. São Paulo: Vida Nova, 2015.

que essa é uma diáspora estratégica. A diáspora ucraniana, todavia, plantou até o momento 200 novas igrejas na Alemanha, Polônia, França, Espanha, Holanda, Suíça, Bélgica e outros países europeus. (Anatoliy Shmilikhovskyy, pastor e missionário da Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira).

O intercâmbio cultural intensificado e o movimento estudantil geram interação entre os povos, culturas e oportuniza ambientes para evangelização entre os povos, por outro lado, a globalização como fenômeno possibilita outros fenômenos que são a urbanização e as megacidades. Esses fenômenos são chamamentos vindos do alto para deixarmos os nossos guetos culturais e religiosos; nossas tradições teológicas e nos envolvermos com o que tem valor para a eternidade. O “campo missionário” está em toda parte.

TECNOLOGIA E MISSÃO

Esses movimentos devem levar a igrejas e sua liderança a repensarem a sua abordagem missional e comunicar o evangelho com uma linguagem acessível, sem comprometer seu conteúdo, usar estratégias não como um fim, mas um meio que o contexto autoriza. Como alcançar essa multidão de povos? A comunicação digital (igrejas online, discipulado remoto) pode ser uma resposta. As redes sociais como espaço missionário.

Globalmente, 78% da população com mais de 10 anos tem um celular, 11% a mais do que os usuários de internet; lacuna está diminuindo, superada pelo crescimento online; acesso varia regionalmente; na África, a diferença é de 26%; paridade de gênero é similar, com mulheres 8% menos propensas a ter celular, segundo a União Internacional das Telecomunicações²¹. (ONU, 2023).

DESAFIOS EMERGENTES

Não é suficiente comunicar nas redes, é preciso identificar o que está sendo comunicado para se evitar a superficialidade digital. Quem está produzindo e o que está sendo produzido. O objetivo é evitar um evangelho de concessões ou sincretista tipo “água com açúcar” de Lutero ou da “graça barata” de Bonhoeffer. René Padilla atesta que “um evangelho espúrio somente pode dar como resultado uma conversão espúria”²² (2005, p. 76). Por outro lado, é preciso ser cuidadoso para se evitar o colonialismo tecnológico (domínio de plataformas) e, ao mesmo tempo considerar que nem todos os povos têm acesso à tecnologia o que gera a desigualdade de acesso. Como lidar com essas questões cruciais?

²¹ ONU. Mais de três quartos da população mundial possuem um telefone celular. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2023/12/1825432#:~:text=Mais%20de%20três%20quartos%20da%20população%20mundial%20possuem%20um%20telefone%20celular>>. Consultado em: 27 de dezembro, 2023.

²² PADILLA, C. René. O evangelho integral: Ensaio sobre o Reino e a Igreja. Londrina: Descoberta, 2005.

DE ESTRUTURA PARA REDE

O ponto em questão é que a missão, definitivamente, deixa de ser hierárquica e monocêntrica para tornar-se policêntrica. Porque as redes estendem e eliminam as fronteiras geográficas²³. É ilimitável essa capacidade. Onde chega um sinal e um computador, o milagre da proclamação acontece. Desse modo, a missão torna-se colaborativa e dinâmica. Em 1792 William Carey era um homem que enxergava além do seu tempo. Ele escreveu um livro, cujo título era: Uma averiguação sobre as obrigações dos cristãos de usar meios para conversão dos pagãos, na qual o estado religioso das diferentes nações do mundo, o sucesso dos empreendimentos antigos e a viabilidade de outros empreendimentos são considerados. Como o título sugere o objetivo era “usar todos os meios legítimos para espalhar o conhecimento de seu nome”²⁴ (2020, p. 29). Ou seja, “as pessoas que queremos alcançar estão inseridas na grande rede”²⁵ (Silva, 2021, p. 79) essa, “deve auxiliar na concretização da missão cristã, que é ir ao encontro do outro [...] testemunhando”²⁶ (Zanon, 2018, p. 54). Zenon também afirma que é necessário interagir com a “sociedade em rede, contexto no qual todos habitamos”²⁷ (2018, p. 39).

TIPOS DE COOPERAÇÃO

Quero destacar 4 tipos viáveis de cooperação. O primeiro acontece entre igrejas que cooperam com igrejas. Algumas igrejas preferem eliminar estruturas burocráticas e trabalhar diretamente em parcerias com igrejas no campo, elas supervisionam o trabalho, identificam as demandas e ambas realizam o trabalho. Uma segunda alternativa acontece quando igrejas trabalham em cooperação com agências missionárias denominacionais ou interdenominacionais. A unidade gera sinergia e vários programas são alcançados simultaneamente e satisfatoriamente. Há também o movimento Sul Global que coopera e partilha experiências com o Sul Global, juntos realizam o trabalho. E por fim, o Sul Global com o Norte Global atendendo ao princípio de reciprocidade somam esforços para o cumprimento da Grande Comissão. O Movimento Lausanne promove a cooperação entre todos os grupos e nos adverte que nenhum grupo étnico, nação ou continente pode reivindicar o privilégio para completar a Grande Comissão. “Permanecemos unidos como líderes e missionários em todas as partes do mundo, chamados a reconhecer e a aceitar uns aos outros, com igualdade de oportunidades, para juntos contribuirmos para a missão mundial”²⁸ (2014, p. 133). E de igual modo

²³ O trabalho da Universidade Corporativa da JMM realiza essa atividade produzindo conteúdos em 4 línguas: português, inglês, espanhol e francês. Esse conteúdo é alocado na plataforma e disponibilizado para os missionários em formação ou missionários no campo.

²⁴ CAREY, William. Mobilização missionária. Rio de Janeiro: Pro Nobis, 2020.

²⁵ SILVA, Leandro et al. A igreja do futuro e o futuro da igreja. Viçosa: Ultmato, 2021.

²⁶ ZANON, Darlei. Igreja e sociedade em rede: impactos para uma cibereclesiologia. São Paulo: Paulus, 2018.

²⁷ *Ibidem*, p. 39.

²⁸ LAUSANNE. O compromisso da Cidade do Cabo: uma declaração de fé e um chamado para agir. Curitiba: Encontro/Ultmato, 2014.

Johnstone declara: “ninguém pode andar sozinho hoje; nós precisamos uns dos outros”²⁹ (s/d, p. 218), porque “parceria é uma jornada de amizade”³⁰ (Lausanne, 2014, p. 194).

INTERDEPENDÊNCIA SAUDÁVEL

O princípio cooperativo elimina desgastes e concentra-se na missão como foco estratégico canalizando esforço, energia e recursos. Everton Jackson diretor de Missão Integral da BWA (Aliança Batista Mundial) e facilitador da GBMN (Rede Global Batista de Missões) enfatizou que “As fronteiras missionais foram reorganizadas com a mudança do centro de gravidade da missão do Norte Global para o Sul Global. Essa mudança de paradigma exige interdependência, não independência; colaboração, não isolamento; e conexões em rede, não paroquialismo”³¹ (BWA, 2023).

Exemplo: o Projeto Radical foi criado como um movimento para recrutar jovens para um trabalho de curto prazo no campo missionário. Esse modelo se tornou referência e, atualmente, a JMM oferece consultoria para que outras organizações missionárias, como é o caso da Convenção Batista Angola, recrutar e enviar jovens angolanos para outros países africanos. Contudo, a cooperação não acontece apenas no nível denominacional, pois sendo a missão de Deus, os recursos, os dons e as expertises precisam ser compartilhados. Parafraseando a frase atribuída ao poeta indiano e vencedor do Nobel de Literatura, Rabindranath Tagore “tudo o que não é compartilhado, é perdido”. Nada pode ser retido quando o objetivo final é a glória de Deus. Também é essencial que a interdependência seja saudável para existir a correção mútua.

Johnstone ressalta,

O compartilhamento de recursos, estratégias, estruturas de apoio [...] não é um componente opcional, mas essencial na evangelização do mundo hoje. As parcerias em todos os níveis entre as agências têm crescido ao longo das décadas mais recentes, seja na forma de grandes conferências internacionais, alianças nacionais e corpos internacionais como [...] uma cooperação no campo no nível de regiões, países e agrupamentos étnicos. Muitas agências têm se tornado cada vez mais multiculturais ou agora contribuem com obreiros para ministérios realizados por multiprogramas ou equipes de fundação de igrejas³². (2017, p. 334).

A missão integral entende o evangelho como abrangente: proclamação e desenvolvimento comunitário (não assistencialismo), para gerar transformação integral do ser humano com Deus, com o outro e consigo mesmo. Segundo Padilla a “evangelização e a responsabilidade social são inseparáveis [...] a palavra e a ação estão indissoluvelmente unidas na missão de Jesus e de seus apóstolos, e devemos mantê-las unidas na missão da igreja, na qual se prolonga a missão de Jesus

²⁹ Johnstone, Patrick. A igreja é maior do que você pensa: estruturas e estratégias para a igreja no século XXI. Monte Verde: Horizontes, s/d.

³⁰ LAUSANNE. Cristo nosso reconciliador. Curitiba: Encontro/Ultimato, 2014.

³¹ BWA, 2023. A Aliança Batista Mundial lança a Rede Global Batista de Missões. (6 de julho, 2023). Disponível em: <<https://baptistworld.org/new>>. Consultado em 30 de abr. de 26.

³² JOHNSTONE, Patrick. O future da igreja global: história, tendências e possibilidades. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

até o final o tempo³³. (2005, p. 211). A salvação engloba todas as “dimensões da vida”³⁴ (Hiebert, 2010, p. 24). David Bosch atesta que “A salvação em Cristo é salvação no contexto da sociedade humana rumo a um mundo íntegro e curado”³⁵ (2007, p. 477).

RELAÇÃO COM MISSÃO POLICÊNTRICA

O movimento monocêntrico reduz a iniciativa e a criatividade do outro. O novo paradigma implica em rejeição de modelos hierárquicos e reducionistas porque gera valorização do contexto local e busca a integração entre evangelização e desenvolvimento social. Deus usa as igrejas locais como agentes integrais³⁶, ou seja, igrejas que desenvolvem uma missão contextual e encarnacional, gerando parcerias locais com impacto social. Segundo Padilla “cada necessidade humana, portanto, pode ser usada pelo Espírito de Deus como o ponto de partida para manifestação de seu poder real” (2005, p. 212). Para entender essas necessidades “o corpo de Cristo deve se encarnar em toda expressão cultural”³⁷ (Stetzer; Putman, 2018, p. 31).

O desafio proposto por Christopher Wright é contundente:

A igreja não é apenas um contêiner para as almas até que cheguem ao céu [...] cristãos que foram evangelizados por essas versões truncadas do evangelho têm pouco interesse no mundo, na esfera pública, no plano de Deus para a sociedade e para as nações, e ainda menos compreensão da intenção de Deus para a própria criação. A amplitude de nossos esforços de missão, portanto, corre o risco de ser bem menor do que o âmbito da missão de Deus³⁸. (2012, p. 329).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quero apresentar algumas sugestões práticas. Entendo que falar é mais fácil do executar. Primeiro, desenvolver redes missionárias locais e globais; em segundo, investir em formação teológica contextualizada; terceiro, utilizar tecnologia de forma estratégica; e quarto, promover parcerias horizontais.

Em primeiro lugar, a rede é um espaço de conexão e colaboração entre os agentes da missão: igrejas, agências e movimentos; esses espaços permitem a partilha de recursos, experiências e dons. Aqui segue a ideia de John Donne: “nenhum homem é uma ilha”.

Em segundo lugar, torna-se imprescindível investir em uma formação teológica contextualizada. Isso implica capacitar líderes e missionários a partir de suas realidades culturais

³³ PADILLA, C. René. O evangelho integral: Ensaios sobre o Reino e a Igreja. Londrina: Descoberta, 2005.

³⁴ HIEBERT, Paul G. o evangelho e as diversidades das culturas: um guia de antropologia missionária. São Paulo: Vida Nova, 2010.

³⁵ BOSCH, David J. Missão transformadora: mudança de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

³⁶ O evangelho transforma o ser humano em sua integralidade, alcança seu corpo e também sua alma.

³⁷ STETZER, Ed; PUTMAN, David. Desvendando o código missional: tornando-se uma igreja missionária na comunidade. São Paulo: Vida Nova, 2018.

³⁸ WRIGHT, Christopher J. H. A missão do povo de Deus: uma teologia bíblica a missão da igreja. São Paulo: Vida Nova, 2012.

específicas, valorizando saberes locais sem perder de vista a fidelidade bíblica e a unidade da fé cristã³⁹. O conselho de George Barna serve para nós: “quem para de crescer, morre”.

Em terceiro lugar, é fundamental utilizar a tecnologia de forma estratégica. As plataformas digitais, mídias sociais e ferramentas de comunicação ampliam o alcance da missão, conectando pessoas, encurtando distâncias e potencializando iniciativas colaborativas em escala global.

Por fim, é essencial promover parcerias horizontais. Diferentemente de modelos hierárquicos e unilaterais, a missão policêntrica pressupõe relações marcadas pela mutualidade, respeito e corresponsabilidade, onde todos os participantes contribuem e aprendem conjuntamente.

³⁹ Oliveira, Hildomar J. P. Pressupostos para a autoteologização: dar voz à teologia das igrejas do Sul global. Em: Revista de Reflexão Missiológica. v. 3 n. 2. (julho - dezembro de 2023). Disponível em: <<https://periodico.reflexaomissiolologica.com.br/index.php/revista/article/view/72>>. Consultado em: 20 de abr. de 26.

REFERÊNCIAS

- BENDOR-SAMUEL, Paul. **A missão invertida: a igreja local e as idas e vindas dos missionários**. Viçosa: Ultimato, 2014.
- BOSCH, David J. **Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão**. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- BWA. **A Aliança Batista Mundial lança a Rede Global Batista de Missões**. Baptist World Alliance, 6 jul. 2023. Disponível em: <https://baptistworld.org/new>. Acesso em: 30 abr. 2026.
- CAREY, William. **Mobilização missionária**. Rio de Janeiro: Pro Nobis, 2020.
- CARRIKER, Timóteo. Prefácio. In: BENDOR-SAMUEL, Paul. **A missão invertida: a igreja local e as idas e vindas dos missionários**. Viçosa: Ultimato, 2014. p. 9.
- FRANKLIN, Kirk J. **Liderança missional e global: uma jornada rumo ao novo paradigma na missão de Deus**. Londrina: Descoberta, 2017.
- GOHEEN, Michael W. **A missão da igreja hoje: a Bíblia, a história e as questões contemporâneas**. Viçosa: Ultimato, 2019.
- HIEBERT, Paul G. **O evangelho e as diversidades das culturas: um guia de antropologia missionária**. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- JOHNSTONE, Patrick. **A igreja é maior do que você pensa: estruturas e estratégias para a igreja no século XXI**. Monte Verde: Horizontes, [s. d.].
- JOHNSTONE, Patrick. **O futuro da igreja global: história, tendências e possibilidades**. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.
- LAUSANNE. **Cristo nosso reconciliador**. Curitiba: Encontro; Viçosa: Ultimato, 2014.
- LAUSANNE. **O compromisso da Cidade do Cabo: uma declaração de fé e um chamado para agir**. Curitiba: Encontro; Viçosa: Ultimato, 2014.
- NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou colonização? O risco de fazer missão sem se importar com o outro**. Viçosa: Ultimato, 2015.
- NEWBIGIN, Lesslie. **O evangelho em uma sociedade pluralista**. Viçosa: Ultimato, 2016.
- NICHOLLS, Bruce J. **Contextualização: uma teologia do evangelho e cultura**. São Paulo: Vida Nova, 2013.
- OLIVEIRA, Hildomar J. P. O desafio para a prática missiológica contemporânea: todos enviando para todos. **Revista de Reflexão Missiológica**, [S. l.], v. 1, n. 1, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://periodico.reflexaomissologica.com.br/index.php/revista/article/view/12>. Acesso em: 20 abr. 2026.
- OLIVEIRA, Hildomar J. P. Pressupostos para a autoteologização: dar voz à teologia das igrejas do Sul global. **Revista de Reflexão Missiológica**, [S. l.], v. 3, n. 2, jul./dez. 2023. Disponível em:

<https://periodico.reflexaomissionologica.com.br/index.php/revista/article/view/72>. Acesso em: 20 abr. 2026.

ONU. Mais de três quartos da população mundial possuem um telefone celular. **ONU News**, 2023. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2023/12/1825432>. Acesso em: 27 dez. 2023.

PADILLA, C. René. **O evangelho integral**: ensaios sobre o Reino e a Igreja. Londrina: Descoberta, 2005.

RAMOS, Robson; FUCHS, Hans Udo. **A nova face da missão**: desafios plurais de um mundo em convulsão. Londrina: Descoberta, 2024.

SENIOR, Donald; STUHLMUELLER, Carroll. **Os fundamentos bíblicos da missão**. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2021.

SILVA, Leandro et al. **A igreja do futuro e o futuro da igreja**. Viçosa: Ultimato, 2021.

STETZER, Ed. **Plantando igrejas missionais**: como plantar igrejas bíblicas, saudáveis e relevantes à cultura. São Paulo: Vida Nova, 2015.

STETZER, Ed; PUTMAN, David. **Desvendando o código missional**: tornando-se uma igreja missionária na comunidade. São Paulo: Vida Nova, 2018.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus**: uma teologia bíblica da missão da igreja. São Paulo: Vida Nova, 2012.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão de Deus**: desvendando a grande narrativa da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 2014.

ZANON, Darlei. **Igreja e sociedade em rede**: impactos para uma cibereclesiologia. São Paulo: Paulus, 2018.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

BEVANS, Stephen B. **Models of contextual theology**. Ossining: Orbis Books, 2002.

ESCOBAR, Samuel. **A time for mission**: the challenge for global christianity. Downers Grove: InterVarsity Press, 2013.

HIEBERT, Paul G. **Anthropological insights for missionaries**. Grand Rapids: Baker Book House, 1985.